— V —

MACHADO DE ASSIZ

ERMÍNIO ARAUJO

Não faz muito tempo, a Itália fascista, em meio aos festivos arroubos da mais viva manifestação patriótica, festejou o bimilenário dos dois maiores e mais legítimos representantes do lirismo e da epopéia, na Roma gloriosa dos Césares.

Foi um acontecimento verdadeiramente inédito, que empolgou os espíritos e fez vibrar da mais justa e intensa alegria todas as classes sociais, como se a Pátria de Vergílio e de Horácio — alvos, neste evo de civilização radiosa e brilhante, de tão extraordinárias homenagens — tivera, no momento, uma só alma, para aplaudir a idéia grande, a idéia altamente patriótica. No Brasil, país cuja nacionalidade não se acha ainda perfeitamente formada, como disse Sílvio Romero, nada é de admirar, por conseguinte, que se não evidencie com linhas bem acentuadas feição literária definitiva. Mas não quer isso dizer — entenda-se — que contra a injustiça de hoje, que põe louros nas cabeças ocas e se espreguiça fatiga.

da e indiferente perante a ascenção das grandes e duradouras obras, se não insurjam, tambem aquí, os capazes de vibrar às emoções superiores, preferindo-se aos profanadores da arte as nossas mais lídimas glórias, os nossos mais autênticos valores.

A Academia Cearense de Letras, associando-se, com o mais espontâneo e fervente entusiasmo, às significativas homenagens com que, hoje, se celebra, em todo o Brasil, o centenário do nascimento de Machado de Assiz, cumpre, assim, um dever, e dever sacratíssimo. Sim, senhores: o revoar das nossas palmas, esse imponente, esse magnífico, esse comovidíssimo espetáculo do nosso ardor e do nosso entusiasmo, se de preferência miram à consagração do notavel romancista, é tambem certo que se espalham e se repartem por tudo aquilo que deu cores e vida, luz e alma, à extraordinária, à singularíssima, à imperecivel obra do nosso primeiro artista literário, do grande mestre da prosa brasileira.

* * *

É Machado de Assiz — e por que não dizê-lo, já aquí, sem receios, sem vãos temores, em homenagem à verdade? — a figura exponencial, inconfundivel, da literatura indígena. Porque, como um dos nossos mais originais autores de ficção, sobretudo no conto — a sua obra verdadeiramente distinta e superior —, ele soube ser, com rara dignidade e talento, um homem de letras, o mais completo, talvez, que tenhamos tido, e incontestavelmente um grande romancista. A sua vasta obra, pelas virtudes de imaginação e de composição, de linguagem e de estilo, que a levantam e distinguem na nossa literatura, tem nela, sem contestação, o primeiro lugar, se, assim compreendida, a finalidade única da literatura — a alma escrita dos povos — é, de fato, comunicar idéias

e sentimentos, ensinar e mover, por meio de palavras, no seu duplo valor musical e semântico. Não se sabe, de certo, entre tantos primores, onde a arte requintou, qual de suas páginas a que às mais sobrexcele, se até as que se afiguram inferiores, reunidas, ainda fariam a glória de muito escritor.

Cioso da forma e trabalhando-a com amor, ainda antes de o parnasianismo, na França, fazer da perfeição do verso e rima um dogma estético, foi Machado de Assiz, por outro lado, o primeiro entre os nossos poetas a ter preocupações literárias.

De tão rico engenho, dotado de profunda sensibilidade de esteta e nervosa impressionabilidade de artista, é ele um dos raros escritores brasileiros que ousa ditar seus pensamentos em forma concisa, simples, breve. Era esse precisamente o grande orgulho de Nietzsche, dizer em dez frases o que qualquer outro diz em volumes, o que um outro não diz num volume.

Quantos se habituaram à prosa de Machado de Assiz sentem a preocupação da forma, o cuidado na escolha do termo exato, o capricho no emprego da frase correta e própria. Porque o perfeito e verdadeiro escritor é todo aquele cuja forma e pensamento são equivalentes como membros de uma equação algébrica. Já notava Vacquire que o estilo não podia existir sem a idéia nem a idéia sem o estilo. A idéia requer sempre uma forma exata, nobre, precisa, porque, no dizer exatíssimo de Gustavo Flaubert, só há uma maneira de exprimir uma coisa, uma palavra para dizê-la, um adjetivo para qualificá-la, um verbo para representá-la. A palavra deve encarnar, revelar, exprimir o valor, o perfume e a cor dos objetos, dar ao leitor a imagem própria e a visão verdadeira.

O principal requisito no artista é, com efeito, sentir, e fazer sentir, comunicar as suas emoções, os

seus sentimentos, as impressões que lhe provoca o espetáculo sempre novo do mundo.

Machado de Assiz realizou precisamente esse ideal estético. Em cem páginas mostra-nos cem faces. Sabe exprimir tudo: sensações vagas da infância, as primeiras e inexplicaveis perturbações amorosas da juventude, as lutas íntimas do coração da donzela, as profundezas secretas da alma que sentimos dentro de nós, sem que a vista do nosso espírito lá tivesse jamais penetrado, cambiantes de sentimentos, que julgamos refractários à lingua humana. Está nisto quasi toda a sua arte: um longo trabalho paciente, que prepara um efeito não esperado.

Os críticos, na sua maioria desoladora, alguns sem externarem as suas razões, outros por considerarem escorreita a linguagem do grande romancista, não tem hesitado, aliás, em apontá-lo antes como escritor português, do que propriamente brasileiro. Não há, na verdade, outro escritor, no Brasil, que tenha servido este glorioso postulado com maior quantidade de obras e com mais intrépida obstinação. Ninguem que tenha escrito em português mais castiço nem mais elegante. Entretanto, Machado de Assiz nunca foi um servil imitador do estilo português nem, por outro lado, um revoltoso contra as tradições e a boa disciplina da lingua vernácula. À excepção de Alencar, ninguem, entre nós, foi mais independente do que ele. Não foi, literariamente falando, o que se pode chamar um homem de seita ou de partido. A sua escola era o seu próprio temperamento, porque nem ele foi propriamente romântico, por exemplo, nem propriamente naturalista, e foi simultaneamente tudo isto.

Nenhum escritor brasileiro foi, na verdade, mais nacional, do que Machado de Assiz, e quando não

era brasileiro — deve-se salientar bem esta circunstância —, era eminentemente humano. Porque foi ele, sem dúvida, o primeiro psicólogo da nossa novela. E foi pela capacidade de fazer obra geral, humana, sem deixar de ser nacional — o que antes dele ninguem fizera, como observa J. Verissimo —, que o estilista de D. CASMURRO mais se distinguiu, não só aquí, mas na literatura portuguesa. É justamente isto que constitue a grandeza de qualquer escritor: ser, ao mesmo tempo, nacional e humano.

Outro defeito apontado pela crítica é a falta de paisagens em Machado de Assiz e tambem a monotonia que ressalta em toda a sua obra: lendo-se um dos seus romances, imagina-se facilmente o que serão os outros. Porque tal é a frieza, a ausência de fantasia, de descrição vigorosa, que apresentam, que, se não fora a pureza de linguagem do romancista nem o seu humorismo à Sterne e Tackeray, o leitor fecharia o livro, antes de concluir a leitura.

Mas essas deficiências, ao contrário do que pretende a crítica, não empanam o brilho do escritor, por isso que o fazem verdadeiramente distinto.

A paisagem, realmente, jamais o preocupou, porque ele foi essencialmente um criador de vida, um autor de ficção. Só lhe interessava o drama humano, o homem com seus moveis de ação, com suas paixões e seus ideais, seus desvários e seus heroismos, suas aspirações e seus erros, seus entusiasmos e suas fraquezas, suas lágrimas e suas gargalhadas, na observação de uma sociedade de cujas ridiculezas foi ele o «maior pintor, o mais impiedoso satírico».

A paisagem, por conseguinte, que ele amava era a da alma humana, com suas auroras e seus ocasos — a paisagem introspectiva, meramente psicológica, com

a impressão moral e estética que ela produz no artista.

Quanto à sua monotonia, o que aquí ainda se salienta como defeito, é antes virtude. Efetivamente, quasi todos os grandes clássicos gregos e latinos foram monótonos; mas, apesar das máculas apontadas —condição impreterivel das obras humanas—, nem por isso o que escreveram se nos afigura menos genial.

Sem falar nas GEÓRGICAS—a obra poética mais perfeita que o engenho humano tem produzido, como proclamava Voltaire—, bastariam o 4.º e o 6.º canto da ENEIDA. o grande e talvez o único poema épico dos latinos, para colocar Vergílio entre os mais nobres representantes da poesia. Sua obra, porem, exceтuando os episódios, não interessa muito, pela monotonia, na opinião de um crítico sisudo. E não sei se essa longa legenda sobre as origens de Roma, teria lisongeado o patriotismo dos romanos.

A ENEIDA nunca teve nem jamais terá a popularidade da ILÍADA. Vergílio não soube evitar o escolho apontado por Aristóteles. Em vez de escolher um episódio da viagem de Enéias, ou de seu estabelecimento na Itália, quis contar a história toda.

A narração é fatigante, e talvez o tivesse sido tambem para o autor, que não terminou o seu poema. O exemplo de Vergílio não devia salvar do naufrágio a FARSÁLIA, de Lucano, nem CAMÕES, no século XVI, nem, no XVIII, a HENRIQUEIDA.

Convem muito que a epopéia se apoie na história, diz um crítico autorizado; mas desgarra, desvia-se, quando pretende substituí-la.

Voltando ao purismo exagerado de que o acusam, sem razão, a Machado de Assiz devo advirtir à crítica, neste particular, que o fato de escrever bem

não constitue lusismo. Tanto mais quanto a lingua que falamos—o áureo instrumento do nosso sentir e pensar—não é propriedade, nem mesmo criação, dos portugueses: tanto é deles, como é nossa. E escrever bem — insistimos neste ponto — é requisito indispensavel a qualquer escritor, a menos que seja futurista, cabotinista, sacrista ou comunista, e outras novidades em *ista*, que, por atalhos ou descaminhos de pedras, aos trancos e aos barrancos, sempre acabam na polícia...

Os cenários de Machado de Assiz, as paisagens, exíguas que sejam, conforme a crítica, os costumes, as personagens que o seu talento espiritualizou e a quem a sua pena animou como criaturas tangiveis, reais, dando-lhes a imortalidade, a linguagem que lhes empresta, e essa mesma em que muitas vezes escreve—o que é tudo isso, senão, quando deixa de ser puramente humano, eminentemente nacional, incontroversivelmente brasileiro?

A questão, para resumir, é que Machado de Assiz não é, não poderá nunca ser escritor das multidões. O que ele é, na verdade, é o grande escritor das "élites". Se a minha memória não tem desmaios, foi no ensaio sobre Tito Lívio, de Taine, que li: «Os grandes escritores são como os grandes rios, profundos, serenos, e por isso mesmo monótonos.» Machado de Assiz é tambem assim. Exige, para ser compreendida a sua obra, se proceda, depois da leitura superficial, à flor das páginas, a outra leitura de reflexão e de análise.

Os seus livros não são, não podem ser, por isso mesmo, o alimento da patuléia das letras nem da turba que lê o salário e o jornal, dia por dia, a qual, se não vê para diante, tambem não vê para trás, que tudo é um, e é a mesma cegueira.

Não podem, pois, ser devorados de um trago, como os livros de hoje improvisados dum lanço. Porque aquilo que com vagar se compôs, durante anos se castigou e poliu, do esboço à derradeira mão — li-o algures —, guarda sempre coisas e idéias subtendidas, elipses e segredos mentais, rascunhos de palimpsestos, sentimentos inscritos, outrora claros e hoje invisiveis, que é mister subentendidos, aclarados, decifrados, ressuscitados, enfim, na própria atmosfera em que brilham à luz.

Mas a juventude não ama os clássicos, os mais polidos exemplares da palavra escrita, e a escritores do tomo de Machado de Assiz prefere os Josés Linz, os Gracilianos, e outros que tais, fascinada, talvez, ou pelo «cassange» em que escrevem ou pelos sortilégios de uma arte exótica, que não passa, na verdade, de uma face comum e trivial da estupidez humana.

A obra de Machado de Assiz, entretanto, devia ser lida e meditada pela mocidade que estuda. Deviam todos que escrevem, tomá-lo como padrão, como modelo da boa linguagem, da escorreita frase portuguesa.

Só não pensam assim os que não tem estudado, ou mesmo lido, a obra do ilustre romancista, toda ela de grande beleza, e sem par na nossa lingua.
